

LIÇÃO 9 - Partes da Quiddidade e Definição. Prioridade das Partes em Relação ao Todo

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 10: 1034b 20-1035b 3

“ 622. Mas, uma vez que a definição é a expressão inteligível de uma coisa, e toda expressão inteligível tem partes, e assim como a expressão inteligível se relaciona com a coisa, também uma parte da expressão inteligível se relaciona com uma parte da coisa, surge agora o problema de saber se a expressão inteligível das partes deve estar presente na expressão inteligível do todo ou não; pois, em alguns casos, elas parecem estar, e em outros, não, pois a expressão inteligível de um círculo não inclui a de seus segmentos [mas a expressão inteligível de uma sílaba inclui a de suas letras], embora um círculo seja dividido em segmentos assim como uma sílaba o é em elementos.

623. Além disso, se as partes são anteriores ao todo, e um ângulo agudo é parte de um ângulo reto, e um dedo é parte de um homem, então um ângulo agudo será anterior a um ângulo reto, e um dedo será anterior a um homem. No entanto, estes últimos parecem ser anteriores; pois na expressão inteligível, as partes são explicadas a partir deles; e os todos são anteriores porque podem existir sem uma parte.

624. Ou talvez aconteça que o termo "parte" seja usado em muitos sentidos, um dos quais é o que mede uma coisa quantitativamente. Mas deixemos de lado esse sentido do termo e investiguemos aquelas coisas que constituem as partes das quais a substância é composta. Ora, se a matéria é uma delas, e a forma é outra, e a coisa composta por estas é uma terceira, então há um sentido em que até mesmo a matéria é chamada de parte de uma coisa, e há outro em que não é, mas apenas aquelas coisas das quais a expressão inteligível ou princípio especificador consiste. Por exemplo, a carne não é parte da concavidade,

porque a carne é a matéria na qual a concavidade é produzida; mas é parte do achatamento do nariz. E o bronze é parte da estátua inteira, mas não é parte da estátua no sentido de forma; pois as predicções devem ser feitas de acordo com a forma de uma coisa e na medida em que cada coisa tem uma forma, mas o princípio material nunca deve ser predicado essencialmente de uma coisa. E é por isso que a expressão inteligível de um círculo não contém a de seus segmentos, enquanto a expressão inteligível de uma sílaba contém a de suas letras; pois as letras são partes da expressão inteligível da forma, e não são matéria. Mas segmentos desse tipo são partes da matéria na qual a forma é produzida; no entanto, são mais afins à forma do que o bronze é quando a redondeza é produzida no bronze. Contudo, nem todos os elementos de uma sílaba serão contidos em sua expressão inteligível; por exemplo, as letras inscritas na cera ou produzidas no ar; pois estas já são partes da sílaba como sua matéria sensível. Pois, mesmo que uma linha, ao ser dividida, se dissolva em metades, ou um homem em ossos, tendões e carne, não se segue, por essa razão, que eles sejam compostos destes como partes de sua substância, mas como sua matéria; e estas são partes do todo concreto, mas não do princípio especificador, ou daquilo ao qual pertence a expressão inteligível. Por isso, não são incluídas na expressão inteligível dessas coisas. Portanto, em alguns casos, a expressão inteligível de uma coisa incluirá a de tais partes como as mencionadas, mas em outros casos, não precisará incluí-las, a menos que, tomadas em conjunto, constituam a expressão inteligível da coisa. Pois é por causa disso que algumas coisas são compostas destas como princípios nos quais se dissolvem, enquanto outras não. Por conseguinte, todas as coisas que são matéria e forma tomadas em conjunto, como o nariz achatado e o círculo de bronze, dissolvem-se nessas partes, e a matéria é uma delas. Mas todas as coisas que não são concebidas com matéria, mas sem ela, como a expressão inteligível da forma sozinha, não são corrompidas nem em sentido absoluto nem dessa maneira. Por isso, essas partes materiais são os princípios e as partes que se enquadram nestes, mas não são partes nem princípios da forma. Portanto, uma estátua feita de barro dissolve-se em barro, e uma esfera em bronze, e Cálias em carne e ossos; e, novamente, um círculo dissolve-se em seus segmentos, porque é algo concebido com matéria. Pois o termo "círculo" é usado de modo equívoco tanto para aquilo que é chamado assim sem qualificação quanto para um círculo individual, porque não há nome próprio para círculos individuais.

COMENTÁRIO

1460. Tendo mostrado o que é a quiddidade (ou essência) de uma coisa, e a quais coisas ela pertence, e como ela se relaciona com as coisas às quais pertence, e que não é necessário postular quiddidades separadas para explicar a geração das coisas, o objetivo do Filósofo aqui é expor os princípios dos quais a quiddidade de uma coisa é composta. Isso se divide em duas partes. Na primeira (622:C 1460), ele descreve os princípios dos quais a quiddidade de uma coisa é composta;

e na segunda (640:C 1537), ele explica como a coisa que vem a ser a partir desses princípios é uma ("E agora").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele levanta uma dificuldade. Na segunda (624:C 1467), ele a resolve ("Ou talvez").

A primeira parte se divide em duas na medida em que ele levanta duas dificuldades sobre o mesmo ponto. A segunda (623:C 1464) é tratada onde ele diz: "Além disso, se as partes".

Ele diz, portanto, primeiro (622), que toda "definição é a expressão inteligível de uma coisa", i.e., uma certa combinação de palavras organizada pela razão. Pois uma única palavra não pode constituir uma definição, porque uma definição deve transmitir um conhecimento distinto dos princípios reais que se unem para constituir a essência de uma coisa; caso contrário, uma definição não exporia adequadamente a essência de uma coisa. E por essa razão, diz-se no Livro I da *Física* que uma definição divide "a coisa definida em seus elementos separados", i.e., expressa distintamente cada um dos princípios da coisa definida, e isso só pode ser feito por meio de várias palavras. Portanto, uma única palavra não pode ser uma definição, mas pode nos dar informações sobre algo da mesma forma que uma palavra mais conhecida pode nos dar informações sobre uma palavra menos conhecida. Ora, toda expressão inteligível tem partes, porque é um enunciado composto e não uma palavra simples. Portanto, parece que, assim como a expressão inteligível de uma coisa se relaciona com a coisa, também as partes da expressão inteligível se relacionam com as partes da coisa. E por essa razão, surge o problema de saber se a expressão inteligível das partes deve ser dada na do todo ou não.

1461. Essa dificuldade é confirmada pelo fato de que, em algumas expressões inteligíveis de todos, as expressões inteligíveis das partes parecem estar presentes, e em outras, não; pois na definição de um círculo, a definição "dos segmentos de um círculo" não está presente, i.e., a definição das partes que são separadas do círculo, como o semicírculo e o quarto de círculo; mas na definição de uma sílaba, a definição "de seus elementos", i.e., suas letras, está presente. Pois, se uma sílaba é definida, é necessário dizer que ela é um som composto de letras; e assim damos, na definição de uma sílaba, a letra e, conseqüentemente, sua definição, porque podemos sempre substituir a definição pela palavra. No entanto, um círculo é dividido em segmentos como suas partes, assim como uma sílaba é dividida "em seus elementos", ou letras.

1462. Agora, sua afirmação aqui de que uma parte da definição de uma coisa se relaciona com uma parte da coisa assim como a definição se relaciona com a coisa parece envolver uma dificuldade; pois a definição é a mesma que a coisa. Portanto, parece seguir-se que as partes da definição são as mesmas que as partes da coisa; e isso parece ser falso. Pois as partes da definição são predicadas da coisa definida, como animal e racional são predicados do homem, mas nenhuma parte integrante é predicada de um todo.

1463. Mas deve-se notar que as partes de uma definição significam as partes de uma coisa na medida em que as partes de uma definição são derivadas das partes de uma coisa, mas não de modo que as partes da definição sejam as partes da coisa. Pois nem animal nem racional são partes do homem, mas animal é tomado de uma parte e racional de outra; pois um animal é uma coisa que tem uma natureza sensitiva, e um ser racional é aquele que tem razão. Ora, a natureza

sensitiva tem o caráter de matéria em relação à razão. E é por isso que o gênero é tomado da matéria e a diferença da forma, e a espécie de ambos, matéria e forma, juntos; pois o homem é uma coisa que tem razão em uma natureza sensitiva.

1464. Além disso, se as partes (623).

Então ele apresenta a segunda dificuldade; e esta diz respeito à prioridade das partes. Pois todas as partes parecem ser anteriores ao todo, assim como as coisas simples são anteriores ao que é composto, porque um ângulo agudo é anterior a um ângulo reto, uma vez que um ângulo reto é dividido em dois ou mais ângulos agudos, e da mesma forma um dedo é anterior a um homem. Portanto, parece que um ângulo agudo é naturalmente anterior a um ângulo reto, e um dedo anterior a um homem.

1465. Mas, por outro lado, estes últimos parecem ser anteriores; a saber, um ângulo reto parece ser anterior a um ângulo agudo, e um homem a um dedo, e isso parece ser assim por duas razões. Primeiro, são anteriores em significado; pois dessa forma, aquelas coisas que são dadas na expressão inteligível de outras coisas são ditas anteriores a elas, e não o contrário; "Pois em sua expressão inteligível, um ângulo agudo e um dedo são explicados a partir destes", i.e., são definidos em referência a estes, a saber, ao homem e ao ângulo reto, como afirmamos. Portanto, parece que um homem e um ângulo reto são anteriores a um dedo e a um ângulo agudo.

1466. Em segundo lugar, algumas coisas são ditas anteriores porque podem existir sem outras, pois aquilo que pode existir sem outra coisa, e não o contrário, é considerado anterior, como é afirmado no Livro V (465:C 950); por exemplo, o número um pode existir sem o número dois. Ora, um homem pode existir sem um dedo, mas não um dedo sem um homem, porque um dedo que foi separado do corpo não é um dedo, como é dito adiante (626:C 1488). Portanto, parece que um homem é anterior a um dedo; e o mesmo raciocínio se aplica a um ângulo reto e a um ângulo agudo.

1467. Ou talvez (624).

Em seguida, ele resolve as dificuldades que foram levantadas; e isto se divide em duas partes. Na primeira, ele dá a solução. Na segunda (625:C 1482), ele a explica ("A verdade, então"). Na terceira (629:C 1501), ele resolve um problema que poderia surgir da solução anterior ("Agora o problema").

Em apoio ao que foi dito neste capítulo, deve-se notar que há duas opiniões acerca das definições das coisas e de suas essências. Alguns dizem que toda a essência de uma espécie é a forma; por exemplo, toda a essência do homem é sua alma. E por esta razão eles dizem que, na realidade, a forma do todo, que é significada pela palavra humanidade, é idêntica à forma da parte, que é significada pela palavra alma, mas diferem apenas na definição; pois a forma da parte é assim designada na medida em que aperfeiçoa a matéria e a torna atual, mas a forma do todo é assim designada na medida em que o todo constituído por ela é colocado em sua espécie. E por esta razão eles pensam que nenhuma parte material é dada na definição que designa a espécie, mas apenas os princípios formais da espécie. Esta parece ser a opinião de Averróis e de certos de seus seguidores.

1468. Mas isto parece ser oposto à opinião de Aristóteles; pois ele diz acima, no Livro VI (535:C 1158), que as coisas naturais têm matéria sensível em sua definição, e a este respeito diferem dos objetos da matemática. Ora, não se pode dizer que as substâncias naturais são definidas por algo que não pertence ao seu ser; pois as substâncias não são definidas por acréscimo, mas apenas os acidentes, como foi dito acima (587:C 1352). Portanto, segue-se que a matéria sensível é uma parte da essência das substâncias naturais, e não apenas dos indivíduos, mas também das próprias espécies; pois não são os indivíduos que são definidos, mas as espécies.

1469. E disso surge a outra opinião, que Avicena sustenta. De acordo com esta opinião, a forma do todo, que é a quiddidade da espécie, difere da forma da parte como um todo difere de uma parte; pois a quiddidade de uma espécie é composta de matéria e forma, embora não desta matéria individual e desta forma individual; pois é um indivíduo, como Sócrates ou Cálías, que é composto destas. Esta é a visão que Aristóteles introduz neste capítulo para rejeitar a opinião de Platão acerca das Ideias; pois Platão dizia que as formas das coisas naturais têm ser por si mesmas, sem matéria sensível, como se a matéria sensível não fosse de modo algum uma parte de sua espécie. Portanto, tendo mostrado que a matéria sensível é uma parte da espécie das coisas naturais, ele agora mostra que não pode haver espécies de coisas naturais sem matéria sensível; por exemplo, a espécie homem não pode existir sem carne e ossos; e o mesmo é verdadeiro em outros casos.

1470. Ora, isto constituirá o terceiro método pelo qual as Ideias são rejeitadas; pois Aristóteles as rejeitou, primeiro, com base no fato de que a essência de uma coisa não existe separada da coisa à qual pertence; segundo, com base no fato de que formas existentes separadas da matéria não são causas de geração, nem à maneira de um gerador nem à de um exemplar. E agora, neste terceiro modo, ele rejeita a tese de Platão com base no fato de que a expressão inteligível de uma espécie inclui matéria sensível comum.

1471. Portanto, ao resolver esta dificuldade (624), ele diz que a palavra parte é usada em vários sentidos, como foi explicado no Livro V (515:C 1093); por exemplo, em um sentido significa uma parte quantitativa, isto é, aquela que mede um todo quantitativamente, como meio côvado é parte de um côvado, e o número dois é parte do número seis. Mas este tipo de parte é atualmente omitido, porque não é seu objetivo aqui investigar as partes da quantidade, mas aquelas da definição, que significa a substância de uma coisa. Portanto, é necessário investigar as partes das quais a substância de uma coisa é composta.

1472. Ora, as partes da substância são matéria e forma e o composto destas; e qualquer uma destas três — matéria, forma e composto — é substância, como foi dito acima (569:C 1276). Portanto, em um sentido a matéria é parte de uma coisa, e em outro sentido não é, mas isto é verdadeiro "daquelas coisas das quais a expressão inteligível ou princípio especificador consiste", i.e., a forma; pois entendemos concavidade como forma e nariz como matéria, e chato como o composto. E de acordo com isso, a carne, que é a matéria ou uma parte da matéria, não é uma parte da concavidade, que é a forma ou princípio especificador; pois a carne é a matéria na qual a forma é produzida. Contudo, a carne é alguma parte do chato, desde que o chato seja entendido como um composto e não meramente como uma forma. Similarmente, o bronze é uma parte da estátua inteira, que é composta de matéria e forma; mas não é uma parte da estátua na medida em que estátua é aqui tomada no sentido do princípio especificador, ou forma.

1473. E para assegurar uma compreensão do que é o princípio especificador e o que é a matéria, é necessário apontar que tudo o que pertence a uma coisa na medida em que ela tem uma forma específica pertence à sua forma específica; por exemplo, na medida em que uma coisa tem a forma de uma estátua, é próprio para ela ter uma forma ou alguma qualidade tal. Mas o que está relacionado a uma forma como sua matéria nunca deve ser predicado essencialmente de uma forma. Contudo, deve-se notar que nenhum tipo de matéria, seja comum ou individual, está relacionado essencialmente a uma espécie na medida em que espécie é tomada no sentido de uma forma, mas na medida em que é tomada no sentido de um universal; por exemplo, quando dizemos que o homem é uma espécie, a matéria comum então pertence essencialmente à espécie, mas não a matéria individual, na qual a natureza da forma está incluída.

1474. Portanto, deve-se dizer que a definição de um círculo não está incluída na "definição de seus segmentos", i.e., as partes divididas de um círculo, sejam elas semicírculos ou quartos de círculo. Mas a definição de uma sílaba inclui a "de seus elementos", ou letras; e a razão é que "os elementos", ou letras, são partes de uma sílaba com referência à sua forma, mas não à sua matéria; pois a forma de uma sílaba consiste em ser composta de letras. As divisões de um círculo, no entanto, não são partes de um círculo tomado formalmente, mas desta parte de um círculo, ou destes círculos, como a matéria na qual a forma de um círculo é produzida.

1475. Isto pode ser entendido a partir da regra estabelecida acima; pois ele havia dito que o que pertence essencialmente a cada coisa que tem uma forma pertence à forma, e que o que pertence à matéria é accidental à forma específica; mas pertence essencialmente a uma sílaba, que é composta de letras. Ora, o fato de que um círculo possa ser realmente dividido em semicírculos é accidental a um círculo, não como círculo, mas como este círculo, do qual esta linha, que é uma parte material dele, é uma divisão. Portanto, é claro que um semicírculo é parte de um círculo com referência à matéria individual. Portanto, esta matéria, i.e., esta linha, é mais aparentada à forma do que o bronze, que é matéria sensível, quando a redondeza, que é a forma de um círculo, é produzida no bronze; porque a forma de um círculo nunca existe separada de uma linha, mas existe separada do bronze. E assim como as partes de um círculo, que são acidentes com referência à matéria individual, não são dadas em sua definição, de maneira similar nem todas as letras são dadas na definição de uma sílaba, i.e., aquelas que são partes juntamente com a matéria, por exemplo, aquelas inscritas na cera ou produzidas no ar, pois estas já são partes de uma sílaba como matéria sensível.

1476. Pois nem todas as partes nas quais uma coisa é corrompida, quando é dissolvida, devem ser partes de sua substância; porque mesmo que uma linha, quando dividida, se dissolva em duas partes, ou um homem em ossos, tendões e carne, não se segue portanto, se uma linha é assim composta de metades, ou um homem de carne e ossos, que estas são partes de sua substância; mas estas coisas são constituídas destas partes como sua matéria. Portanto, estas são partes "do todo concreto", ou composto, "mas não do princípio especificador", i.e., a forma, "ou daquilo ao qual a expressão inteligível pertence", i.e., da coisa definida. Portanto, tais partes não são propriamente dadas nas expressões inteligíveis destas coisas.

1477. Ainda deve-se notar que nas definições de algumas coisas as expressões inteligíveis de tais partes estão incluídas, i.e., nas definições de coisas compostas, das quais elas são as partes. Mas nas definições de outras coisas isto não é necessário, i.e., nas definições de formas, a menos que

tais formas sejam tomadas juntamente com a matéria.

Pois embora a matéria não seja parte de uma forma, ela deve ser dada na definição de uma forma, já que a mente não pode conceber uma forma sem conceber matéria; por exemplo, o corpo orgânico está incluído na definição de alma. Pois assim como os acidentes têm ser completo apenas na medida em que pertencem a um sujeito, de maneira similar as formas têm ser completo apenas na medida em que pertencem às suas matérias próprias. E por esta razão, assim como os acidentes são definidos acrescentando seus sujeitos, também uma forma é definida acrescentando sua matéria própria. Portanto, quando a matéria está incluída na definição de uma forma, há definição por acréscimo, mas não quando está incluída na definição de um composto.

1478. Ou sua afirmação “a menos que tomados em conjunto constituam a expressão inteligível da coisa” exemplifica sua observação de que “em outros casos não é necessário incluí-los”. Pois em tais casos não é necessário que as partes materiais sejam incluídas na definição, isto é, no caso daquelas coisas que não são tomadas em conjunto com a matéria, ou que não significam algo composto de matéria e forma. Isso é evidente; pois, uma vez que a matéria não está incluída na expressão inteligível de algumas coisas, mas está incluída na de outras, pode haver algumas coisas que “são compostas destas como os princípios nos quais se dissolvem”, i.e., as partes nas quais as coisas são dissolvidas pela corrupção. E estas são as coisas cujas definições incluem a matéria. Mas há algumas coisas que não são compostas das partes materiais anteriores como princípios, como aquelas em cujas definições a matéria não está incluída.

1479. E uma vez que a matéria está incluída nas definições daquelas coisas que são tomadas em conjunto com a matéria, mas não nas de outras, “portanto, todas as coisas que são matéria e forma tomadas em conjunto”, i.e., todas as coisas que significam algo composto de matéria e forma, como o nariz chato ou o círculo de bronze, tais coisas são corrompidas em partes materiais, e uma delas é a matéria. Mas aquelas coisas que não são concebidas pela mente com matéria, mas carecem totalmente de matéria, como aquelas que pertencem à noção da espécie ou forma apenas, estas não são corrompidas “de tal maneira”, i.e., sendo dissolvidas em certas partes materiais. Pois algumas formas não são corrompidas de modo algum, como as substâncias intelectuais, que existem por si mesmas, enquanto outras, que não existem por si mesmas, são corrompidas acidentalmente quando seu sujeito é corrompido.

1480. Portanto, é evidente que partes materiais deste tipo são os princípios e partes daquelas coisas “que vêm sob estas”, i.e., que dependem destas, assim como um todo depende de suas partes componentes; contudo, não são nem partes nem princípios da forma. E por esta razão, quando um composto, como uma estátua feita de barro, é corrompido, “ele se dissolve em sua matéria”, i.e., em barro, assim como uma esfera de bronze se dissolve em bronze, e como Cálias, que é um homem particular, se dissolve em carne e ossos. Da mesma forma, um círculo particular dependente destas linhas divididas é corrompido em seus segmentos; pois assim como Cálias é um homem concebido com matéria individual, também um círculo cujas partes são estes segmentos particulares é um círculo particular concebido com matéria individual. No entanto, há esta diferença: homens singulares têm um nome próprio, e por isso o nome da espécie não é aplicado equivocadamente ao indivíduo, mas o termo círculo é aplicado equivocadamente ao círculo “que é chamado tal em sentido absoluto”, i.e., em sentido universal, e aos círculos singulares particulares. E a razão é que nomes não são dados a vários círculos particulares, mas são dados a homens

particulares.

1481. Além disso, deve-se notar que o nome da espécie não é predicado do indivíduo no sentido de que refere a natureza comum da espécie a ele, mas é predicado dele equivocadamente, se é predicado de tal modo que significa este indivíduo como tal; pois se digo “Sócrates é um homem”, a palavra homem não é usada equivocadamente. Mas se esta palavra homem é imposta como nome próprio a algum homem individual, significará tanto a espécie quanto este indivíduo equivocadamente. É semelhante no caso da palavra círculo, que significa a espécie e este círculo particular equivocadamente.

Revision #3

Created 16 September 2026 22:16:07 by Admin

Updated 16 September 2026 22:28:40 by Admin